

TESTEMUNHO DA INTERVENÇÃO

SESSÃO DE ENCERRAMENTO



José Ribau Esteves

“Temos que procurar boas soluções, para um país que não está só na moda, mas que é um país extraordinário, que se internacionaliza com uma base estrutural, porque não há povo mais afável no mundo que o português, não há povo que se instale em qualquer parte do mundo com a facilidade do português e isso é um património que a nossa história mostrou.”

“Muito boa tarde a todos, uma palavra especial de saudação ao Sr. Secretário de Estado por ter vindo ao evento e também desejar-lhe um bom mandato, que tenha sucesso e que nos ajude a internacionalizar bem a nossa pátria, que embora já internacionalizada, tem sempre crescimento quantitativo e qualitativo para fazer.

Eu sei que o dia foi de muitas reflexões, mas queria apenas somar três para aproveitar o facto de estar aqui.

Julgo que serão pertinentes para a reflexão que aqui foi feita, para as reflexões que temos que continuar a fazer e para as operações de bom gestor que todos temos, seguramente com alta determinação, sejam elas no espaço privado ou no espaço público.

Em primeiro lugar, queria dar nota que vamos falar muito sobre isto nas próximas semanas.

A Comissão Europeia, apresentou o chamado 7º Relatório da Política de Coesão. Tivemos um primeiro debate em Bruxelas, no plenário do comité da região. Estávamos reunidos e achámos que era muito importante fazer uma abordagem àquele relatório, também por questões instrumentais em relação ao futuro, porque como sabemos, há um debate aberto na UE pela Comissão, sobre quais são os cenários que devemos seguir para o futuro da nossa União. O nome do debate é exatamente esse, o Futuro da União Europeia, com base em cinco cenários que a Comissão desenhou.

Um desses dados acaba com a política de coesão e é uma discussão muito intensa que o Estado tem na U.E. Já começámos em Portugal, por uma proposta que eu próprio fiz na ANMP e que o Sr. Primeiro Ministro acolheu, que realizámos na penúltima reunião do conselho de contratação territorial. Já iniciámos esse debate. O Governo já apresentou o primeiro documento em maio passado e basicamente a ideia é entendermos que a Europa ainda tem coesão para fazer.

Mas entendemos também, que a coesão do futuro não pode ter instrumentos iguais àqueles que tivemos até aqui. Quando nós lemos alguns dados do relatório, e vou



SESSÃO DE ABERTURA
José Ribau Esteves



SESSÃO DE ABERTURA
Fernando Castro



SESSÃO DE ABERTURA
José Carlos Caldeira



I PAINEL
Os Novos Desafios para
a Internacionalização
António Silva



II PAINEL
As oportunidades de
negócio no mercado
da Alemanha
Simeon Ries



III PAINEL
As oportunidades de
negócio no mercado
dos E.U.A.
Graça Didier

TESTEMUNHO DA INTERVENÇÃO

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

José Ribau Esteves

só falar de 2 ou 3, vemos que eram para estar bem melhor. Quem estava atrasado cresceu muito com a utilização dos instrumentos de política em ação financeira da política de coesão, mas a verdade é que as disparidades de desenvolvimento na Europa aumentaram no espaço de análise do 7º Relatório.

Portanto, há algo aqui que está bem.

Obviamente quem está mais atrasado em termos de desenvolvimento tem crescido, mas, a coesão não é exatamente isso. Coesão é estarmos todos com patamares de, enfim, vários indicadores onde o *per capita* é o mais utilizado, estarmos mais próximos uns dos outros. Nunca estaremos iguais, isso não existe como é evidente. Mas há esse crescimento. O que o Relatório diz é que a coesão em vez de crescer, decresceu.

Há também indicadores que têm que ser cruzados.

Por exemplo, em respeito às infraestruturas, muitas vezes num país como Portugal temos ideia de que as infraestruturas estão todas feitas, e nós, trabalhando o relatório, verificamos que o nível de estruturação, por exemplo na área dos transportes, em qualquer país do centro da Europa é muito à frente de Portugal; ou aquilo que é o investimento dos países na investigação e desenvolvimento, nos países do centro da Europa é, também, muito à frente de Portugal.

É preciso verificar que estas áreas estão distintas e são tratadas de forma diferente, na política de coesão que temos tido, aquilo que é infraestruturização tem ainda trabalho para fazer. O Sr. Presidente da AIDA deu o exemplo da ligação ferroviária Aveiro-Viseu-Salamanca que é da maior importância para 70% das nossas exportações, que são as empresas que estão sediadas na região centro e norte do país.

Andamos a discutir isto há 30 anos, não sei se vamos discutir outros 30, mas era muito importante que não. Para além do mais, olhamos para o que se passa em Espanha e para o investimento monumental feito em estrutura ferroviária na última década. Cada vez mais somos uma ilha. Ilhas na Europa é igual a atrasos de desenvolvimento, o que origina atrasos naquilo que é a convergência, naquilo que é a construção objetiva da Comissão.

Esta nota de abordagem nesta intensa fase de debate em que estamos, em que era muito importante nos prendermos mais ao debate com o Secretário de Estado que temos hoje aqui dedicado às áreas da internacionalização da economia, sendo por isso importante, porque temos de nos capacitar para sermos mais competitivos, para termos mais projeção internacional. Mas ao mesmo tempo, temos que informar, como as nossas ações de política fazem para convergir com o mercado, para internacionalizar mais e melhor a nossa economia.

Chamo a atenção de todos para este momento. É um momento de grande importância para Portugal e para a Europa. Sabemos que a Europa vive um momento difícil e que tem problemas graves na mudança política.

A Europa dos grandes líderes políticos já não existe, temos um problema de condicionamento grave da política europeia pelos técnicos da burocracia, o que é péssimo. Qualquer estrutura precisa de bons técnicos, mas também precisa de bons líderes políticos.

É fundamental que hoje, num momento tão difícil em que vamos começar e terminar, até ao final do primeiro semestre do próximo ano, a discussão sobre as respetivas finanças para a Europa nos próximos anos, vamos debater a saída do Reino Unido da União Europeia.

Isto terá um impacto complexo nas nossas contas, uma vez que o Reino Unido contribui com cerca de 15% para o orçamento e retira 5%, sendo, portanto, um



I PAINEL
As oportunidades de
negócio no mercado
da França
Géraldine Dussaubat



I PAINEL
Testemunho do
Empresário
Jorge Santiago



II PAINEL
A Economia Portuguesa:
Passado e Futuro
Rui Rio



II PAINEL
Fernando Alfaiate



II PAINEL
Jorge Marques dos
Santos



II PAINEL
Jorge Portugal



SESSÃO DE
ENCERRAMENTO
Fernando Castro



SESSÃO DE
ENCERRAMENTO
José Ribau Esteves



SESSÃO DE
ENCERRAMENTO
Eurico Brilhante Dias



CONCLUSÕES

TESTEMUNHO DA INTERVENÇÃO

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

José Ribau Esteves

contribuinte líquido de 10% do orçamento da nossa União. Esta discussão está a ser feita toda ao mesmo tempo e é fundamental que seja liderada pelos políticos e que esses assumam o risco das decisões.

Devemos estar com muita atenção àquela que é a resposta da nova política de coesão, porque a Europa tem que continuar a ter política de coesão.

Somando a isto, a última nota. A questão da demografia.

Estamos com empresários industriais e gostaria de falar-vos sobre a questão da mão-de-obra. Temos um problema sério em Portugal.

Temos um problema na Europa, é um problema demográfico. Quando abrimos as portas à migração, não abrimos só porque somos pessoas de bom coração e o humanismo é um valor da Europa que não é leviano! Mas os 900 mil migrantes da Alemanha, estão lá porque a Alemanha é solidária e humanista, mas também porque a Alemanha precisa daquelas pessoas. Bem como os milhares que foram para a Áustria, para a Suécia, Finlândia. Esperemos que componham as suas vidas, somos todos seres humanos e queremos o bem uns aos outros, mas é muito importante para esses países.

Não interessa o número dos que vieram para Portugal, porque é pequeno, nem sequer contabilizando a percentagem, que é alta, dos que vieram e já foram embora.

Sim porque ser refugiado não é ser parvo. É ser-se vítima de um problema grave, no caso de guerras mais declaradas como a Síria ou mais terrorista como as de África. Ser refugiado é ser pessoa que tem a coragem de dizer «quero apostar na minha vida, não quero ficar à espera da morte». Mas ser refugiado, não é ser parvo e, portanto, se eu «sou refugiado, posso ir para a Austrália, para a Finlândia e para a Suécia, porque é que eu vou para Portugal?» Se podem estar na Alemanha a ganhar 1500€ numa função indiferenciada, porquê ficar em Portugal a ganhar 520€?

E é bom que olhemos para esta matéria, para aquilo que é um grande desafio de Portugal, um desafio Europeu. O desafio é simples. Como é que nós somos atrativos para cidadãos que queiram viver cá?

Estamos em Aveiro, o Secretário de Estado do nosso Governo, preocupa-se muito e bem, com o desemprego, mas sabem bem que já temos muitas indústrias e até muitos Presidentes de Câmara, que têm um problema de recrutamento. Recrutamento de técnicos altamente qualificados em algumas áreas e de recrutamento de mão-de-obra indiferenciada, temos problemas sérios.

Hoje, temos centenas de lugares disponíveis para várias unidades institucionais do nosso Município, para mão-de-obra que pode começar a trabalhar já amanhã.

Como é que vamos então induzir uma boa percentagem das 300 mil pessoas que estão desempregadas a irem para o mercado de trabalho?

Temos um problema grave em Portugal. Não sei se o desemprego estrutural é de 8%, 7%, 5%, se é 4,5%, mas sei que não é 0%.

Se criámos um conjunto de profissionais no desemprego? Sim criámos. Enquanto não diferenciarmos o rendimento do trabalho, do rendimento do não trabalho, há uma percentagem alta destes 300 mil que vão continuar a optar pelos mecanismos que a lei lhes dá, para continuarem um "não trabalho". Porque a diferença do rendimento para o trabalho em Portugal é baixa de mais.

Gosto de contar a história de um grupo de amigos meu, de infância. Costumamos encontrar-nos para descontrair e falarmos da vida.

TESTEMUNHO DA INTERVENÇÃO

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

José Ribau Esteves

Seis deles eram pedreiros, rapazes que se dedicaram à construção civil, hoje com especialidade estão todos a trabalhar em França. Quando conseguimos encontrar-lhes ofertas de emprego, em várias empresas portuguesas, algumas das melhores que o país tem nessa área, eles recusam de imediato. Dizem que em França ganham entre quatro a cinco vezes mais do que ganhariam cá. Hoje vir de avião de Paris e Lyon, onde a maior parte está, custa aquilo que nós sabemos. Hoje a saudade, gere-se pelo “Skype” ou por outros mecanismos. Portanto, como vou convencer os meus amigos que vivem em França, que trabalham seis semanas e têm direito a uma semana de descanso, a voltar a trabalhar para Portugal, enquanto o rendimento não for mais atrativo?

São notas de importantes desafios que enfrentamos.

São problemas que temos hoje. Portugal tem um problema de emprego. Hoje temos que arranjar soluções para problemas bem difíceis, porque não há fluxos migratórios a virem para Portugal. Naquilo que é a leitura do mundo de hoje, amanhã pode mudar e todos temos a consciência que o mundo tem variáveis absolutas de um dia para o outro.

Esta abordagem é muito importante para uma economia que está a crescer e que tem tudo para continuar a crescer. Está internacionalizada e tem muitas e boas condições para prosseguir esse caminho de internacionalização, mas tem novos problemas.

Embora alguns não sejam exatamente novos, mas teremos que procurar boas soluções, para um país que não está só na moda, mas que é um país extraordinário, que se internacionaliza com uma base estrutural, porque não há povo mais afável no mundo que o português e não há povo que se instale em qualquer parte do mundo com a facilidade do português. Isso é um património que a nossa história mostrou.

Até há pouco tempo, emigrar era uma coisa muito desagradada, mas nós somos cidadãos do mundo e se queremos internacionalizar, os melhores embaixadores são os portugueses e essa é uma área potente, que obviamente estamos todos interessados em usar melhor, numa lógica positiva, procurando respostas para estes novos problemas. São difíceis, mas é minha convicção que com a sapiência dos portugueses e com a cooperação dos vários atores vamos seguramente conseguir!”